

A HORA DE MUDAR
NÃO DEIXE FICAR NO PAPEL OS PLANOS
PROFISSIONAIS TRAÇADOS PARA ESTE ANO
TRABALHO & FORMAÇÃO PROFISSIONAL, CAPA



Brasília, Distrito Federal, 7 de janeiro de 2007
www.correioweb.com.br

Número 15.939
R\$ 3,00 • 132 páginas

DOMINGO //

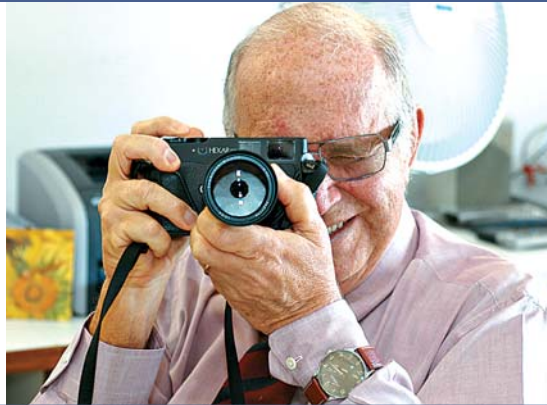
VENDA PROIBIDA EXEMPLAR DE ASSINANTE

CORREIO BRAZILIENSE

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CRIADOR
E CRIATURA

Revista
DO CORREIO



Zuleika de Souza/CB - 19/12/06

Este homem atrás da câmera laica fundou o mais bem-sucedido modelo de gestão pública de saúde, a Rede Sarah. Mas Aloysio Campos da Paz não é só a sua criação. Apaixonado por fotografia e história, íntimo do poder, é também um filósofo de seu tempo.

PÁGINAS 8 A 12

O QUE AS MULHERES
PENSAM SOBRE...

Amor, beleza, velhice, filhos. Esses foram alguns dos temas debatidos por seis mulheres numa mesa redonda. Em comum, uma certeza: elas se sentem pressionadas por tudo e por todos.

CAPA, PÁGINAS 22 A 27

PELE PERFEITA
SÓ POR UM DIA

PÁGINAS 16 E 17

PARA ELES: VERÃO
COM CONFORTO

PÁGINAS 18 E 19

RICHA, MAS SEM EMPREGO E CERCADA DE VIOLÊNCIA

BRASÍLIA, CAPITAL COM MAIOR RENDA PER CAPITA DO PAÍS, É VÍTIMA DE UMA TAXA DE DESEMPREGO QUE A APROXIMA DAS REGIÕES MAIS POBRES DO BRASIL. A RAZÃO PARA OSTENTAR UM PERCENTUAL DE 19% DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA SEM TRABALHO — SÃO PAULO, PORTO ALEGRE E BELO HORIZONTE NEM CHEGAM A 15% — PODE SER ENCONTRADA NA VIZINHANÇA. ESTIMA-SE QUE 115 MIL TRABALHADORES DO ENTORNO ESTEJAM À PROCURA DE UMA VAGA NO MERCADO DO DISTRITO FEDERAL, O QUE AGRAVA A SITUAÇÃO LOCAL. MAS ESSA NÃO É A ÚNICA PRESSÃO EXERCIDA PELOS MUNICÍPIOS VIZINHOS. LEVANTAMENTO DA SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA APONTA QUE LUZIÂNIA, ÁGUAS LINDAS E VALPARAÍSO, TODAS EM GOIÁS, ESTÃO ENTRE AS CIDADES BRASILEIRAS COM O MAIOR NÚMERO DE ASSASSINATOS, TENTATIVAS DE HOMICÍDIO E ESTUPROS. OS ÍNDICES SÃO SUPERIORES AOS DE DIVERSAS ÁREAS DA BAIXADA FLUMINENSE, NO RIO DE JANEIRO.

PÁGINAS 21, 25 E 26

DINHEIRO

Onde estão as notas de R\$ 100?

Das 130 milhões de cédulas impressas em 1994, quando foi lançado o Real, apenas 27 milhões estão em circulação. O restante encontra-se encalhado no Banco Central. O valor ainda é alto para os brasileiros.

PÁGINA 19

BUSH REVISARÁ GUERRA DO IRAQUE SOB PRESSÃO

PÁGINA 16

GOVERNO

Três semanas para tentar unir aliados

Coalizão política é ameaçada pela insistência de Aldo Rebelo e Arlindo Chinaglia em manter candidaturas à presidência da Câmara. Falta de acordo pode passar a idéia de que o presidente não tem controle sobre a base.

TEMA DO DIA, PÁGINAS 2 E 3

CLASSIFICADOS

14.858 ofertas

Imóveis	8.760
Veículos	3.004
Casa & Serviços	849
Negócios & Oportunidades	1.280
Trabalho & Formação Profissional	965

Cadu Gomes/CB



A CORRIDA DO NÍQUEL

Barro Alto, a 210km de Brasília, prepara-se para iniciar um novo ciclo do minério. Até 2010, empresa inglesa deverá investir US\$ 1,2 bilhão na construção de uma metalúrgica na cidade goiana de 7 mil habitantes. A exemplo de Niquelândia, onde a companhia britânica já explora o mineral (foto), moradores vivem dias de expectativa. PÁGINAS 22 A 24

LITORAL SUJO QUASE METADE DAS PRAIAS BRASILEIRAS ESTÁ POLUÍDA

PÁGINA 11

VESTIBULAR DA UnB GABARITO NÃO-OFICIAL DAS PRIMEIRAS PROVAS

PÁGINA 27

Iano Andrade/CB



UM SÉCULO DE APRENDIZAGEM

A duas semanas de completar 100 anos, João Conceição festeja ao lado da mulher, Domingas, uma vida repleta de alegrias, tristezas e muita dificuldade.

PÁGINA 29

ENCONTRO PRA LÁ DE AFINADO

Formados nos palcos de Brasília, os músicos Hamilton de Holanda e Rosa Passos se reuniram para um bate-papo na cidade. Falaram sobre o sucesso no exterior e a vontade de dividirem um show.

CADERNO C, CAPA E PÁGINA 5

Compre o Correio Braziliense e com mais R\$ 10,90 adquira o livro-cd do Franz Schubert. Confira o anúncio no interior do jornal.

CORREIO BRAZILIENSE
O JORNAL CAPITAL



CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1111 • assinante@correioweb.com.br • www.correioweb.com.br/assinaturas • GRITA GERAL: 3214.1166

Revista DO CORREIO

[CORREIO BRAZILIENSE. domingo, 7 de janeiro de 2007. ano 2. número 86]

ENTREVISTA //
FUNDADOR DA REDE SARAH,
ALOYSIO CAMPOS DA PAZ CRITICA O
CORPORATIVISMO DA CLASSE MÉDICA

CINDERELA //
TRATAMENTOS QUE DEIXAM
VOCÊ LINDA POR ALGUMAS HORAS

The background is a vibrant red. In the center, a white circular area contains the main title. Surrounding this are several white line-art illustrations: a male symbol, a female symbol, a clock, a bicycle, a building, and a woman's profile. In the foreground, there are stylized illustrations of women's faces and profiles in various colors (orange, purple, blue, green).

COM A PALAVRA, AS MULHERES

O que pensam sobre elas mesmas e sobre relacionamento, homens, beleza, sexo e longevidade. Com o desafio de responder essas e outras questões, convidamos Noeli, Denise, Flávia, Maraci, Solane e Laís, de idades e classes sociais diferentes, para participar de uma mesa redonda. Veja as conclusões

KLEBER

Da editora

Uma curiosidade pairava sobre todos nós: como a mulher se vê na sociedade de hoje. Elas mudaram muito ao longo das últimas gerações ou estão mais caretas? Inquietação surgida, decidimos, então, lançar um desafio. Convidamos seis mulheres, de 21 a 48 anos e de diferentes níveis sociais, para discutir sobre vários temas. Durante duas horas e com o suporte metodológico de uma empresa de pesquisa, elas falaram sobre relacionamento, beleza, sexualidade, maternidade e a vida em Brasília. Pelo menos um sentimento foi consenso entre todas: elas se sentem pressionadas, seja na maneira de criar os filhos ou no esforço de se manter jovem. Leia mais sobre esse bate-papo nas páginas 22 a 27.

E por falar em pressão na busca pela beleza e juventude eternas, o repórter João Rafael Torres mostra, nas páginas 16 e 17, as novidades em produtos e tratamentos estéticos capazes de transformar uma gata borralheira em Cinderela. Eles têm efeito rápido e não garantem que no dia seguinte a mulher apresentará as mesmas medidas ou aparência, mas proporcionam uma noite (ou um dia) de princesa para qualquer mortal.

Nas páginas 8 a 12, o cirurgião Aloysio Campos da Paz Júnior conversou conosco sobre como é estar à frente da Rede Sarah. Apaixonado por história, ele falou ainda da sua infância em uma família de médicos e militares, contou como é transitar pelo poder e fez duras críticas ao corporativismo da classe médica.

PS. – Durante o mês de janeiro, não publicaremos a coluna *Com a grife do chef*. Liana Sabo está de férias.

BOM DOMINGO E BOA LEITURA!

Revista DO CORREIO

Editora: Cristine Gentil (cristine.gentil@correioweb.com.br) **Subeditores:** Alexandre Botão (alexandre.botao@correioweb.com.br) e Sibeles Negromonte (sibeles.negromonte@correioweb.com.br) **Editor de Arte:** João Bosco Adelino de Almeida (joao.bosco@correioweb.com.br) **Editor de fotografia:** Luis Tajés (luis.tajes@correioweb.com.br) **Diagramação:** Varilandes Júnior (varilandes.junior@correioweb.com.br) **Telefones:** 3214-1192 e 3214-1138 **E-mail:** revistadocorreio@correioweb.com.br **Diretor de Redação:** Josemar Gimenez (j.gimenez@correioweb.com.br) **Editora-chefe:** Ana Dubeux (ana.dubeux@correioweb.com.br) **Editor-executivo:** Carlos Marcelo (carlos.marcelo@correioweb.com.br)

CAPA — Arte: Kleber Sales

SEÇÕES E COLUNAS

Zuleika de Souza/CB - 21/12/06

Beleza

É possível manter uma pele dourada sem se expor ao sol nos horários impróprios. Com responsabilidade e um bom protetor, você ficará iluminada neste verão. **PÁGINAS 6 e 7**

Saúde

O ano começa com um presente para as mulheres: a comercialização de duas vacinas contra o HPV, vírus que é o principal causador do câncer do colo do útero. **PÁGINAS 20 e 21**

Holofote

Depois de passar por uma fase difícil, Giovana Antonelli deu a volta por cima. Apareceu magra, linda e ao lado do namorado na festa de lançamento de *Amazônia*. **PÁGINAS 30 e 31**



Fitness & nutrição

Lúdica e cheia de possibilidades de uso, a bola se tornou um dos objetos mais populares das academias. As aulas de Fit Ball exigem equilíbrio na hora da malhação. **PÁGINAS 14 e 15**



Zuleika de Souza/CB

Crônica

Para Maria Paula, depois de sofrer; há apenas duas gerações, pressões para casar e ter filhos, a mulher passa agora por outro tipo de cobrança: manter-se eternamente jovem e bonita. **PÁGINA 33**

Arquitetura & design

Esqueça aquele monte de bugigangas espalhadas pela casa, mesmo que elas sejam lindas. Para os arquitetos, a ordem é usar o mínimo de peças decorativas na sala. **PÁGINAS 34 e 35**

Bichos

Muitas vezes, eles são o principal companheiro dos idosos. Os animais de estimação podem diminuir os fatores de risco de depressão e de doenças cardíacas na terceira idade. **PÁGINAS 36 e 37**

Moda

Para quem pensa que a dupla bermuda e camiseta é a única opção masculina para o verão, veja os looks que a Revista preparou para eles. **PÁGINAS 18 e 19**

Berço da palavra

Slogan usado pela RCA Victor (*Radio Corporation of America*) em seus fonógrafos e discos no início do século passado, "a voz do povo" tem origem em Sir Thomas More, grande figura da história britânica e hoje santo da Igreja Católica. **PÁGINA 39**

UM PENSADOR DE SEU TEMPO

- Aos 72 anos, casado, pai de três filhos, avô de quatro netos, apaixonado por história e fotografia, e trabalhando incansavelmente, o fundador da Rede Sarah critica a classe médica e ironiza até Hipócrates, o pai da medicina

[CRISTINE GENTIL // Da equipe do Correio]

Num dia de 1964, o cirurgião Aloysio Campos da Paz Júnior pegou seu volkswagen vermelho e foi resgatar três residentes presos sob a acusação de comunistas. Chegou ao batalhão para falar com o então coronel Darci Lázaro sem muita humildade. “Vim aqui para levar de volta meus residentes”, disse o médico. O coronel berrava: “comunistas!”. O médico rebateu: “Se o senhor falar de Karl Marx para esses débeis mentais, eles vão achar que é o treinador da Seleção Alemã”. Foi detido, acusado de estar debochando da autoridade militar. Pouco depois, acabou solto e, com ele, os residentes.

Não foi a primeira vez nem seria a última que se viu em apuros com os militares. Neto do comunista Manoel Venâncio — médico famoso e popular no Rio de Janeiro, que cuidou de Olga Benário Prestes na prisão, foi retratado por Di Cavalcanti e é personagem de Graciliano Ramos em Memórias do Cárcere — Aloysio tinha, no entanto, um trunfo a seu favor. Como metade de sua família era de militares — a outra era de médicos — e muitos eram de alta patente, ele se permitia certa ousadia, mesmo no período militar.

Cresceu rondando o poder e hoje transita com desenvoltura por ele, seja como médico, seja como político de uma causa chamada Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor, um conjunto de oito unidades que congrega hospitais, centro tecnológico e universidade, e que é referência mundial na área de reabilitação. Está à frente de um modelo de gestão pública, baseado em uma visão humanista da medicina, distante anos luz da praticada pela maioria dos hospitais no mundo. Sobre essa experiência, ele conversou durante duas horas e meia com a Revista do Correio. Criticou duramente o corporativismo, falou sobre sua relação com o poder, a infância e sobre os chamados anos de ouro do século 20, que tão profundamente influenciaram sua visão de mundo.

Capaz de filosofar sobre o tempo em que vivemos, sempre à luz da história, revela-se também um esperançoso. Mas sentencia: “Falta um Stanislav Ponte Preta... Não há coisa mais revolucionária do que o humor.”

Zuleika de Souza/CB - 19/12/06



“A medicina se organizou de forma corporativa, com conselhos e mecanismos de proteção que protegem o médico, mas não o doente.”



O senhor lida com limites, os da ciência, do ser humano, da tecnologia e da reabilitação, que são ultrapassados dia após dia. Como se pode afirmar hoje para um paciente que ele não vai mais andar ou que vai se recuperar?

Não se chega para uma pessoa que teve um acidente, normalmente um jovem, e diz: “Tenho novidades: você não vai mais andar”. Ele tem que começar um programa e, aos poucos, internalizar essa dificuldade. O grande erro da medicina é que ela avalia as pessoas pelo que elas perderam e não pelo que restou. Tem que investir no que ficou. Por exemplo: Joãozinho Trinta teve um AVC (acidente vascular cerebral). O que seria reabilitá-lo? Botar ele para ser corredor de fundo, se o grande valor dele era desfilar numa avenida? Ou prepará-lo para isso, dar um carrinho motorizado para ele e deixá-lo ganhar o carnaval? Foi o que aconteceu. Na minha cabeça e na dele, ele está reabilitado. O Herbert Vianna, o que queria? Voltar a cantar. Andando e correndo pelo palco? Não. Voltar a cantar e a compor. Ele foi se recuperando aos poucos. O cérebro encon-

tra novos caminhos. Essa descoberta, da plasticidade neuronal, feita aqui, foi o grande avanço recente na área das neurociências.

O senhor ainda se surpreende com a capacidade de recuperação dos pacientes?

Não me surpreendo, eu me emociono. Você chora? Eu choro. Eu não tenho medo de chorar. Realmente me emociono.

E se envaidece também? O Sarah é considerado o melhor modelo de hospital público...

Não. A vaidade está relacionada com o equívoco de achar que uma coisa foi feita. Uma instituição é um ser vivo. Nasce, cresce, é plena, entra em decadência e morre. Fico feliz com determinados momentos em que eu vejo que o processo de realização está caminhando, mas ele não está pronto. Eu não conheço um vaidoso que não seja burro.

O que ainda há para melhorar?

Na hora que achar que está pronto, estamos liquidados. Existem dois componentes: um técnico, que é fácil, outro político-institucional. Temos que transformar médicos, enfermeiros, terapeutas, que vêm de um ambiente distorcido, em verdadeiros prestadores de serviço. Isso é uma coisa que leva tempo. O que ensinamos de mais importante aqui é o processo de humanização. Alguém com domínio da técnica sem uma visão humanista torna-se uma pessoa perigosa.

Esse é o segredo do sucesso do Sarah, o tratamento humanizado?

Aqui foi a primeira grande experiência de trabalho interprofissional real. Primeiro, não existe medicocracia. O médico não é um ser absoluto que manda em tudo, trabalha irmanado com profissionais de várias áreas. Não posso ter a pretensão de conhecer bioquímica molecular ou mutações genéticas como o profissional de nível superior que trabalha com isso 24 horas, então o respeito ao conhecimento alheio faz com que você se despoje da posição de primo de Deus e, conseqüentemente, agregue conhecimento. Além disso, não se pode nunca ter medo de dizer não sei.

O senhor costuma dizer que a sociedade não dá ao médico o direito da dúvida...

A sociedade acha que o médico sabe tudo e ele não sabe nada. Agora que estamos chegando a um conhecimento mais aprofundado de DNA, conhecendo alguns processos fisiológicos, como formação dos ossos e regeneração de tecidos... Estamos nos primórdios de uma renascença, mas ela só se dará se o médico se permitir ao desconhecimento. Se eu examino uma pessoa, e depois de "n" exames clínicos e de imagem, eu digo que não sei exatamente o que ela tem e que preciso estudar um pouco mais, vindo de mim, isso tem um tremendo glamour... Se vier de um jovem, o paciente vai achar que ele é um débil mental.

Por quê?

Há uma distorção por parte da sociedade, que acha que o médico tem que ser onisciente, e isso não existe. Daí vem o conflito. Por outro lado, a medicina se organizou de forma corporativa, com conselhos e mecanismos que protegem o médico, mas não o doente. E cada vez mais conflitam a medicina com a sociedade.

No livro *Tratando doentes e não doenças*, o senhor critica o fato de os médicos tratarem o doente de forma segmentada.

Isso tem origens históricas. A partir do próprio Hipócrates. Um dos aforismas dele é que se o doente questionar o que o médico determina, isso é uma ofensa inominável, e a gente faz juramento para esse cara... Hipócrates era um cara gozado, dizia um monte de besteiras, mas como foi o primeiro a dizer, ficou famoso. A relação entre medicina e sociedade é questionável por causa da relação entre a medicina e a religião. A medicina passou a ser historicamente uma coisa em que as pessoas tinham que crer. A partir do século 19, começou a se institucionalizar. Surgiram os hospitais pela necessidade de se isolar o doente. O curioso é que o trabalho passou a ser coletivo, mas a atitude continuou individual. A outra distorção é que a sociedade passou a julgar o médico infalível e ele próprio se julgava infalível. Ele passou a ser cada vez mais hermético, imaginando que determinada escola de se expressar seria mais científica do que a linguagem comum.

Como assim?

Há uma grande discussão editorial, pertencemos a um grupo que combate isso, entre a publicação de uma idéia e de uma experiência de maneira coloquial e a publicação por uma metodologia chamada de medicina baseada em evidências. Se você tinha uma idéia, até os anos 40, ela era publicada. Se hoje você tem uma idéia tem que acumular experiência de centenas de casos, fazer tratamentos estatísticos etc. Compare os artigos da década de 40 e 50 com os de hoje, que são áridos, não convidam à reflexão. O resultado prático é que se pegar um banco de dados médico, 30% se aproveita e o resto pode jogar fora.

O que isso interfere na relação médico/paciente?

As repercussões disso tiveram como conseqüência uma fragmentação do conhecimento porque se partiu do pressuposto de que para conhecer mais é preciso conhecer o detalhe cada vez mais profundamente, aí vem a origem da especialidade. Não nego a necessidade da especialidade, mas nego a impossibilidade do indivíduo ter um conhecimento mais abrangente. Não conheço nem convivo com nenhum doente que tenha apenas uma doença. Essa perda da visão de conjunto, de ver o indivíduo como um ser complexo, leva a uma visão muito fria, distante.

Como isso pode ser superado?

Só por uma palavra desgastada, que se chama amor. O médico tem que gostar da pessoa que vai atender e ela, do médico. Tem que haver uma empatia. Médicos antigos diziam que se você não foi com a cara do doente, manda ele para o teu inimigo porque você não vai acertar.

De onde vem a sua concepção de medicina?

Fiz parte da minha formação na Europa e nos EUA, na época dos chamados anos de ouro do século 20, da educação sem medo, dos Beatles, de Bernard Shaw... Fazia doutorado em Oxford e vi Kennedy transmitir via satélite o ultimato para os navios russos recuarem. As sirenes do hospital começaram a tocar e, a 100 metros de distância, o chão começou a se abrir, e as ogivas a se levantar do solo, soltando nitrogênio líquido. Os B-52 passavam a 50 metros explodindo os vidros do hospital, e as enfermeiras empurravam os doentes nas macas para abrigos anti-aéreos. Era uma base militar e eu não sabia...

Sentiu medo?

É a sensação do irremediável. É impossível descrever. Mas foi didático. No mundo inteiro, a juventude se conflitou com o poder estabelecido. Essa vivência desse período criou uma geração diferente, extremamente progressista, que negava o conflito e procurava o conhecimento. Foi muito estigmatizada como geração hippie e não era nada disso. Buscava um novo sentido para a liberdade e, conseqüentemente, tinha que bater de frente com o *establishment* e foi esmagada. Mas ficou profundamente marcada por esse passado. Essa geração ajudou a construir minha visão de mundo.

E também do hospital?

É, e principalmente o fato de ter visto um serviço público de alto nível na Inglaterra. Se eu vi isso e se Brasília foi pensada de uma forma socialista, por que não? No começo, o Hospital Distrital (Hospital de Base) era assim, trabalho em regime de tempo integral, dedicação exclusiva. À medida que houve a inflação, tentaram compensar os salários com pró-labore (ganho por produção) e foi a grande distorção porque transferiu para o setor de serviços a lógica do setor produtivo. Se opero mais, ganho mais...

“A minha relação com as pessoas que detêm o poder eventualmente é como qualquer outra. É claro que não trato um presidente como você, mas trato de vosmicê ... (risos).”

“Se pegar um banco de dados médico, 30% se aproveita e o resto pode jogar fora.”



Zuleika de Souza/CB - 19/12/06

Não é assim em todo lugar?

A crise médica não é brasileira, ela é mais patética no Brasil, com a porta pantográfica fechando na cara do sujeito, mas ela existe no mundo inteiro por causa dessa distorção: a transposição do setor de serviços, que é para servir, pelo setor produtivo, que a lógica é lucrar.

E de onde vem isso?

A frase “a medicina é direito de todos e dever do estado” é minha. Quando foi escrita a Constituição de 1988, fiz parte da comissão Afonso Arinos. Ivo Pitanguy, Adib Jatene e eu, entre médicos de outras áreas, colocamos na nossa proposta a lógica de que o que fosse público era financiado pelo estado e o que era privado corria o risco do capital. Mas quando foi para o governo, foi mudado. Na Constituinte, entrou um bombom envenenado, que permitiu ao médico ter dois empregos e ao estado contratar da iniciativa privada o que não tivesse condições de prover. É um incesto. Hoje, se pegasse todo o dinheiro que vai para a assistência médica, que é muito, e botasse isso para recuperar o setor público, tinha a melhor medicina no mundo. A Rede Sarah, com mil leitos, tem orçamento menor que R\$ 400 milhões por ano.

Não é um orçamento alto?

Alguns têm mania de falar que o Sarah é muito caro, mas esquecem que são oito unidades espalhadas pelo Brasil, com pessoas trabalhando em tempo integral, com dedicação exclusiva e com equipamentos de ponta, oferecendo um serviço gratuito, aliás gratuito não, porque as pessoas pagam impostos.

Acredita em mudança?

Acredito porque vai mudar no mundo inteiro e o Brasil é colonizado cultural. A América está explodindo, a França, a Escandinávia, o Canadá já mudou. Muda porque o homem pode ser suicida, mas a sociedade não é.

O projeto do Sarah também só é possível por causa do contrato de gestão com a União. Foi difícil aprová-lo no Congresso?

Foi gozado. Quando a Constituição foi aprovada, simultaneamente foi apro-

vado o sistema jurídico único, que colocava as fundações no serviço público de administração direta. Tinha estabilidade, depreciação de salários e uma burocracia inimaginável. Então, eu me recusei a administrar a decadência da instituição que tinha criado e comecei a pensar numa lei. Então colocamos no papel que seria uma instituição pública, mas não estatal. A aprovação disso dependia de um corpo a corpo e eu fiz. Uma pessoa foi fundamental no Congresso: o Dudu, o (deputado) Luís Eduardo Magalhães, que fez uma grande articulação lá dentro. O Antônio Carlos (Magalhães) ficou zangado porque eu disse: “teu filho é melhor do que você” (risos). O curioso é que as esquerdas foram contra porque pensavam ser um projeto de privatização, e era de estatização. Eles ficaram confusos. Mas o PT abriu o voto e ganhamos. É o primeiro e único contrato de gestão aprovado no Congresso.

E como funciona na prática?

O contrato é com a União, representada pelos Ministérios da Saúde, Fazenda e Planejamento. Estabelecemos metas, dizemos quanto vai custar, isso é auditado, o Ministério da Saúde corta, o Congresso repõe...

Isso o obriga a ter um trânsito no meio político. Como é a convivência com o poder?

Pode parecer empafioso, mas eu nasci no poder. Meu avô foi presidente da Câmara no Rio, era comunista, foi preso. Estou habituado aos altos e baixos da política. Poder para mim nunca foi deslumbrante.

E como médico? O senhor tratou vários presidentes da República...

Todos, menos o Lula, que não ficou doente... Se eu for pensar naquela pessoa como presidente da República ou como senador ou deputado, eu erro. Porque vou inserir no meu processo decisório variáveis que nada têm a ver com a doença dele. Sempre tive a consciência de que não podia tratar a pessoa em função do poder dela porque o poder é extemporâneo, tenho que tratar como uma pessoa que precisa de mim. Isso fez com que se estabelecesse uma relação de respeito. É pesado, não tenho o direito de errar. Mas é uma relação como qualquer outra. É claro que não trato um presidente de você, mas trato de vosmicê, que é uma palavra portuguesa que quer dizer Vossa Excelência... (risos).

Fotos: Zuleika de Souza/CB - 19/12/06

Políticos e celebridades dão visibilidade ao Sarah, mas às vezes também geram comentários...

... de que somos elitistas. Tem muito isso. Se pegarmos os dados estatísticos, vemos que o atendimento do Sarah é a base da pirâmide social brasileira. O que acontece é que se vem um fulano que tem visibilidade, todo mundo sabe, se vem um cara da base da pirâmide, ninguém fica sabendo, mas são tratados do mesmo jeito.

Como são escolhidos seus pacientes hoje?

Em todos os casos mais complexos, eu sou colocado no circuito. A minha atividade se dá de duas maneiras: ou por atuação direta ou consultoria. Todas as quintas, os assistentes trazem os casos que julgam merecer a minha opinião, dura das 10h às 18h, são vistos 10 doentes em média. Tudo é discutido de forma global. Por outro lado, deixo os doentes falarem, eles emitem opiniões ou escrevem. O procedimento cirúrgico é uma decisão conjunta.

Como é sua rotina aqui?

Chego antes das 8h30, faço exercícios, trabalho das 9h30 às 20h, estudo na hora do almoço. Em casa sou ligado pelo computador aos servidores para resgatar material para escrever. Aos sábados, corrijo teses, faço artigos...

Não é uma rotina muito pesada?

Você tem que guardar uma criança dentro de você. O segredo é esse. Oscar Niemeyer fez 99 anos, liguei pra ele e demos gargalhadas no telefone. É o mesmo Oscar que conheci anos atrás. Eu não me canso.

Falando em criança, qual a lembrança mais forte da infância?

A casa do meu avô, os almoços de domingo. Ele era um médico famoso (Manoel Venâncio), muito respeitado. Quando morreu, o Rio de Janeiro parou, o caixão dele foi levado pelo povão para o cemitério São João Batista. O cortejo passava pela frente da casa da minha bisavó. Um tio meu foi avisá-la porque achava que ela não sabia. Mas, de alguma forma, ela ficou sabendo antes e perguntou ao meu tio: "É o Manoel Venâncio?" Ele respondeu: "É". Ela disse: "Faz confusão até morto..." (risos). Ela era monarquista e achava que ele era republicano, mas ele era comunista, fundador da Aliança Nacional Libertadora...

Que tipo de paciente o senhor é?

Não sou hipocondríaco. Faço check-ups. Tive a sorte de ter escolhido bem os profissionais. E sempre que escolhi mal, me dei alta na hora. Não sou um cara difícil. Mas as pessoas que procurei, seja aqui ou fora daqui, são de grande nível intelectual e técnico, então é uma relação de igual.



O que faz nas horas vagas?

Toco trompete, leio, fotografo. Comecei a fotografar aos 8 anos. Era campeão de tiro, mas parei. Gostava muito de caçar, caçar ecologicamente. Era muito divertido... Quando cheguei a Brasília caçava perdiz no Eixão Norte. Saía do plantão, o cachorro ficava amarrado fora do hospital, pegava a espingarda e ia caçar... A coisa mais bonita era ver o perdigueiro naquela posição de caça...

Como se sente aos 72 anos?

Se pensar na história da humanidade, teve momentos de profundo retrocesso. Às vezes, tenho a sensação de ser um judeu em Berlim, em 1933, quando Hitler foi eleito. Como sou fanático por história, e penso no que vem depois, você vê que só pode conviver com a esperança. Mas temos que ser pragmáticos, não pode entregar o pescoço.

Por quê?

Veja só. Você vê uma nação que foi paradigma da democracia, os Estados Unidos, virar uma ditadura em que você pode ser preso sem habeas corpus porque o cara não foi com tua cara... O mundo está atravessando uma fase onde esses valores têm que ser resgatados de qualquer modo e serão, até por uma pressão social. A questão principal está centrada na representatividade, tenho esperança que alguns filósofos e pensadores estejam pensando numa solução... Tem uma série de coisas anacrônicas e superadas na

organização do poder e na relação humana e uma delas é a forma de representatividade. A gente tem que emergir para uma forma de representação real, mais controlada e menos corporativa. No mundo inteiro.

Como está vendo o Brasil hoje, com todos esses escândalos recentes na política?

A grande virada do período militar foi com Ernesto Geisel. Ele tinha uma visão de país, o que não justifica os erros dele, é claro. Mas naquela época surgiram a Embrapa, a Petrobras, o Sarah, a Vale do Rio Doce, ou seja, ele tinha um projeto de país. O que está faltando, ao invés de discussão de visão de poder, é um projeto de país, que deve começar mandando o corporativismo para o inferno, não existe projeto sob o domínio do corporativismo. Cada um por si e Deus por todos não dá... No Brasil, milhões de pessoas são aposentadas porque têm dor nas costas, quando o trabalho é saber o que o cara pode fazer. Essa mentalidade mandava para casa o maior físico da humanidade (Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge), que trabalha soprando um canudo no computador... Mas estamos passando por um período em que muitas pessoas estão tomando consciência, falta um Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo do escritor Sérgio Porto, conhecido pelo senso de humor refinado)... Não há coisa mais revolucionária do que o humor.